

“O passarinho vuou pra lomge”: a importância da Fonética e da Fonologia no processo de aquisição da ortografia.

Luanna Regina Alvarez Rodriguez Pereira

É muito comum que, nos anos iniciais de escola, as crianças cometam erros de ortografia tal qual os que aparecem no título: *paçarinho, lomge, caza, sidade, senoura...*, mas, por que esses erros acontecem e como podemos resolvê-los de maneira eficaz? Para entender isso, precisamos primeiro entender por que escrevemos do jeito que escrevemos.

A nossa ortografia é alfabética e, principalmente, fonêmica. Isso significa que a escrita busca representar aquilo que é funcional na língua: os fonemas. O fonema é a unidade mínima distintiva da língua, ou seja, é aquele segmento que, caso seja substituído na palavra, alterará seu sentido. Observe: “lata”, “mata” e “pata”; nos três casos, com exceção dos primeiros consoantes /l/, /m/ e /p/, o resto da palavra continua o mesmo, ‘ata’. A troca do primeiro segmento foi capaz de alterar o sentido atribuído à palavra, demonstrando que /l/, /m/ e /p/ são fonemas, e não somente simples sons da língua portuguesa.

É a natureza essencialmente fonêmica da ortografia portuguesa, e de outras ortografias também, o que mantém o papel unificador da escrita. Na palavra “tinta”, temos duas vezes a letra “t”, que, no sotaque mineiro, são pronunciadas de modos diferentes: o primeiro “t” possui um pequeno chiado, enquanto o segundo, não. Podemos pensar, também, na palavra “parede”, que pode ser pronunciada de diferentes formas, tanto no Brasil com seus inúmeros sotaques, quanto nas variantes europeias e africanas. Essas diferenças, que são próprias da língua falada, são neutralizadas graças à motivação fonêmica da ortografia, que não leva em consideração os sons, mas as unidades mínimas funcionais da palavra.

A ortografia também pode ser foneticamente motivada; é o que ocorre nas palavras “tempo”, que é grafada com M, e “tento”, grafada com N. Desde muito cedo, somos apresentados à seguinte regrinha: o M só vem antes de P e B. Assim como a maioria destas regrinhas, apenas as decoramos sem saber o porquê de o M só vir antes do P e do B. Acontece que, ao pronunciar o fonema /m/, tocamos os lábios, assim como fazemos ao pronunciar os fonemas /p/ e /b/; são as consoantes chamadas bilabiais. Nesse caso, a representação ortográfica está diretamente ligada à maneira de articulação, de pronúncia das consoantes; caso alguém que não está habituado ao português pronuncie “tempo” de maneira não bilabial, o sentido da palavra não seria alterado, por isso que, nesse caso, a ortografia é, somente, foneticamente motivada.

A ortografia pode, ainda, ser diacronicamente motivada, ou seja, certas representações ortográficas só podem ser explicadas através da história da língua. É o caso da palavra “homem”, por exemplo, que é grafada com a letra H porque a palavra do latim que lhe deu origem, *hominen*, também era grafada com h. Esse tipo de motivação demonstra, também, o caráter conservador da língua escrita.

Quanto às relações estabelecidas entre o sistema ortográfico e os fonemas, podemos dividi-las em duas: as relações biunívocas (também chamadas de transparentes) e as relações múltiplas (também chamadas de opacas). Nas relações transparentes, um fonema corresponde a somente uma representação gráfica e uma representação gráfica corresponde somente a um fonema; como ocorre com a letra P, por exemplo, que representa somente o fonema /p/, e o fonema /p/ só é representado pela letra P, como em “pipa”. Já as relações múltiplas caracterizam-se pelo fato de um mesmo grafema representar vários fonemas ou um mesmo fonema ser representado por vários grafemas diferentes. É o caso do fonema /s/, que pode ser representado pelas grafias: S (Sapo), SS (paSSarinho), SC (naSCimento), SÇ (renaSÇa), XC (eXCeção), X (teXto), C (Cidade) e Ç (caÇa). Da mesma forma, a letra S pode representar o fonema /s/ (como em “sapo” ou o fonema /z/ (como em “casaco”).

A maior parte dos erros cometidos na escrita é decorrente dessa irregularidade entre letra/som/fonema. Isso significa que podem existir dois tipos de erro: um que é motivado pela arbitrariedade do sistema, que vamos trabalhar mais adiante, e outro que é motivado pela não observância das regras contextuais. Este segundo tipo de erro envolve a escolha de grafias não admitidas em determinadas situações, que pode ser exemplificado pela grafia “cansada”; sabemos que o fonema /s/ só pode ser representado pela grafia SS em contexto intervocálico (entre vogais), então, considera-se que o erro foi motivado pela não observância do contexto. É o tipo de desvio que ocorre muito na escrita de crianças nas séries iniciais, tanto pelo desconhecimento das regras, quanto pela não fixação delas.

De acordo com alguns estudos realizados na área, os desvios cometidos por crianças em séries iniciais podem ser classificados em quatro grupos: erros foneticamente motivados; erros provenientes da supergeneralização; erros que alteram o fonema e erros que não alteram o fonema.

Tratando-se de erros foneticamente motivados, estudos mostram que crianças em fases iniciais de alfabetização tentam espelhar a fala na escrita, gerando grafias como “istrela” e “brigadu”. Pode ocorrer, também, a omissão de vogais em palavras com ditongo, como nas grafias “quejo” e “bejo”; e a inserção de vogais, reproduzindo o que ocorre na fala em alguns sotaques, como “treis” e “voceis”.

Erros de supergeneralização, também chamados de hipercorreção, são aqueles em que a criança aplica uma regra a um contexto em que ela não seria aplicável. Isso demonstra que a regra foi aprendida, mas que a criança ainda não é capaz de discernir em quais contextos ela cabe ou não. Um exemplo disso seria a grafia “almento” (aumento), em que a criança percebeu que, quando pronuncia-se o “u” no fim da sílaba, a grafia da palavra é com L, tal qual em “calça” e “colmeia” e, erroneamente, aplica essa mesma regra em “almento”.

Entretanto, quando a criança escreve “pasarinho” em vez de “passarinho”, ela está cometendo um desvio que altera o fonema, pois, no contexto intervocálico, a letra S representa o fonema /z/, como em “peso” e “casa”. Isso acontece, principalmente, porque a criança ainda está na fase de associar uma letra a um som/fonema, ou seja, ainda não conseguiu fixar a regra dos dígrafos, optando pela letra S para representar o fonema /s/ e esquecendo-se que, entre vogais, o “S tem som de z”, como comumente ouvimos na escola.

Um erro que decorre da arbitrariedade do sistema e que não altera o fonema seria tal qual ocorre na grafia “cempre” ou na grafia “cidade”. Sabemos que, diante das vogais “e” e “i”, a letra C representa o fonema /s/; da mesma forma que, em início de palavra a letra S representa o fonema /s/. Assim, não existe uma regra específica que explique por que “cidade” se escreve com C e não com S. Nesse caso, considera-se que a grafia correta é arbitrária, visto que não existe uma regra contextual que impeça “cidade” de ser grafada com S. Geralmente, a grafia correta dessas palavras é diacronicamente motivada, ou seja, a grafia é relacionada à origem da palavra (como vimos anteriormente em “homem”).

Em estudos que analisaram produções textuais de crianças em fases iniciais de alfabetização, constatou-se que a maior parte dos desvios ortográficos está relacionada às diferentes formas de representar o fonema /s/. São oito formas, sendo elas S, SS, SC, SÇ, XC, X, C, Ç. Algumas dessas formas têm o uso limitado, é o caso de SS, SC, SÇ, XC, X e Ç, que só podem ser utilizadas no meio da palavra; já a letra C só poderá ser utilizada diante das vogais E e I; a letra S poderá ser utilizada em outros contextos, exceto quando estiver entre vogais. Podemos concluir que, devido à vasta lista de opções existentes para representar o /s/, as crianças ficam confusas e cometem os desvios ortográficos, guiando-se, também, pelas formas que estão mais habituadas a verem na língua escrita.

A frequência de uso de determinados grafemas para representar determinados fonemas também tem influência nos desvios ortográficos cometidos pelos alunos. Tomemos dois exemplos: “ves” (vez), “experiência” (experiência). É possível que a escolha do S para representar o /s/ em fim de sílaba, substituindo o Z e o X, respectivamente, seja motivada pela alta frequência da letra S nessa posição e pelo uso reduzido das letras Z e X para grafar as palavras em português.

Além dos erros relacionados às diferentes grafias do fonema /s/, podemos destacar também a substituição do M pelo N quando seguidos de consoante, como nas formas “senpre” e “canpo”. Aqui, há a influência da frequência, visto que existem mais contextos que admitem a letra N antes de consoante, enquanto o M só aparece antes de P e B, como citado anteriormente. Ademais, no caso desse erro em específico, nota-se que as crianças não conseguiram compreender o processo por trás da regra “M só vem antes de P e B”.

Agora que entendemos a natureza da ortografia e as possíveis motivações para os desvios ortográficos mais frequentes entre as crianças, podemos discutir como resolvê-los e tornar o processo de aquisição da ortografia mais eficaz. E é nesse ponto que a fonética e a fonologia se mostram extremamente importantes para o ensino.

Enquanto os erros decorrentes da arbitrariedade do sistema podem ser solucionados com exercícios que envolvam a prática e a memorização (já que não existem regras que expliquem a escolha de determinadas letras); erros que decorrem da falta de compreensão dos processos fonéticos e fonológicos da língua, como é o caso da troca do M pelo N no fim de sílaba, pedem exercícios que envolvam a reflexão dos alunos acerca desses processos. Não basta apenas chegar na sala e escrever no quadro “o M vem sempre antes de P e B”; é necessário que as crianças entendam a motivação dessa regra, do contrário, ela se tornará apenas uma regra vazia, que os alunos vão quebrar a cabeça para decorar, sem, de fato, compreendê-la. Claro que também não é necessário que as crianças aprendam todo os processos fonéticos e fonológicos da língua, nem que decorem a tabela fonética, mas é importante que os professores apliquem em aula aquilo que for pertinente,

tanto para a aquisição da ortografia, quanto para o desenvolvimento da leitura, respeitando a fase de desenvolvimento em que as crianças se encontram.

Para que os professores consigam ensinar e trabalhar os processos fonéticos e fonológicos da língua é necessário, primeiro, que eles também compreendam tais processos. Não há como ensinar e explicar algo sem compreender o assunto. Isso evidencia a necessidade de os cursos de Pedagogia passarem a incluir Fonética e Fonologia como disciplina obrigatória na grade curricular, dada sua clara importância para o processo de alfabetização e letramento, especialmente na aquisição da ortografia. Se esperamos ver mudanças na sala de aula, é necessário que essas mudanças iniciem no processo de formação dos futuros professores.